

Aula 4

CONCEPÇÃO MODERNA DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

META

Nesta aula, minha intenção é explicar a formação da concepção moderna de infância e suas implicações para a instituição do modelo escolar de educação.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- explicar o processo histórico que determinou a formação da concepção moderna de infância;
- caracterizar a concepção moderna de infância;
- determinar a influência sobre a escola do predomínio da concepção moderna de infância.

PRÉ-REQUISITOS

Para compreender esta aula, você precisará ter conhecimento das duas aulas anteriores.

Marcos Silva

INTRODUÇÃO

Então, companheiro(a)!

Estamos novamente precisando nos situar no início dos tempos modernos! Depois de lhe apresentar as origens da escola e da mídia modernas, agora vou comentar sobre a concepção de infância que se formou nestes tempos da modernidade. Bem, em termos de estudos históricos, quem inaugurou a pesquisa sobre a criança foi o historiador francês, **Philippe Ariès** (1914-1984) que, em 1962, lançou o livro “História Social da Criança e da Família”. A obra causou uma grande repercussão e ainda hoje é referência sobre o assunto. Com base nesta obra de Áries, algumas pessoas afirmam, de maneira controversa, que criança sempre existiu mas, a infância foi uma invenção da Europa Ocidental no início dos tempos modernos.

Ver glossário no final da Aula

O mérito de Philippe Ariès foi transformar a criança em objeto de investigação historiográfica. Suas conclusões, porém, passaram a ser contestadas por outros historiadores. No entanto, além de se estudar o lugar e o papel da criança na História, mais importante é procurar dar voz a esse membro da sociedade tão explorado e pouco ouvido. Tarefa difícil, uma vez que as crianças raramente têm a oportunidade de expressar seus interesses. Nesta aula, vou mostrar para você como ocorreu a formação da concepção de infância com a qual estamos acostumados a enxergar as crianças.



Capa do livro História social da criança e da família, 1981 (Fonte: <http://www.comciencia.br>).

O PERÍODO MEDIEVAL

Utilizando como fonte principal a iconografia medieval, Philippe Ariès escreveu uma obra sobre a criança na qual a principal tese defendida foi que, durante o período medieval, pelo menos até o século XII, a arte não retratou a criança; demonstrando com isso que, naqueles tempos, não havia consciência da existência da infância, como uma fase separada da existência humana, com características especiais. A concepção que predominava era a de um adulto em miniatura.

É com estas palavras que Ariès (1981, p. 156) defende seu argumento:

Na sociedade medieval, (...) o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia.

Porém, historiadores posteriormente têm demonstrado que a concentração medieval em temas religiosos determinou a exclusão, nos temas tratados pelos artistas, de quase toda a vida secular, não se constituindo, portanto, a falta do tema infantil em “ausência significativa”.

Por outro lado, se tomarmos em consideração o fato, somente recentemente reconhecido, de que a infância não é um dado natural, mas sim uma construção histórico-social, e que cada sociedade, em diferentes momentos, engendra sua própria concepção de infância, abre-se a porta para uma crítica fundamentada à tese de Philippe Ariès.

Inicialmente, veja quais foram os antecedentes medievais para a constituição de sua concepção de infância: Primeiro, podemos mencionar os costumes romanos. Não era nada propícia a forma como as crianças eram tratadas entre os romanos: ao nascer, a criança estava sujeita à vontade absoluta do pai. Se ele não aceitasse o filho ou a filha, a criança rejeitada, na sua maioria, era abandonada à morte. Segundo, temos o ancestral bárbaro germânico. Apesar de não praticarem o infanticídio, os germânicos não reservavam cuidados especiais para com as crianças e seu destino também dependia da vontade paterna. Em terceiro lugar, operou a influência cristã sobre a concepção medieval de infância. Nesta sim, a criança foi minimamente valorizada, seguindo o exemplo dos textos do Novo Testamento que apresentam Jesus de Nazaré acolhendo e tomando o comportamento das crianças como ideal para os pretendentes ao Reino.

Assim, não se poderia esperar da sociedade medieval um grande desenvolvimento no trato com a criança. Apesar disso, os historiadores en-

contraram documentação que demonstra a existência de códigos jurídicos onde se preceitua o trato diferenciado para com pessoas com menos de 15 (quinze) anos. Além disso, no seio dos monastérios, as crianças, chamadas de “oblatos”, que eram dedicadas desde cedo à vida religiosa recebiam um tratamento diferenciado em função de sua pouca idade.

Assim, a conclusão dos historiadores é que no período medieval havia sim alguma consciência de uma espécie de “infância”, mas sua concepção era bastante diferente da que temos hoje.

De um modo geral, até o início dos tempos modernos, predominavam os métodos informais de socialização dentro da família e da comunidade local. As crianças aprendiam a arte de viver informalmente entre os adultos. Aos filhos dos nobres, a quem estava reservado o ofício das armas, cabia o serviço a um mestre cavaleiro. As filhas da aristocracia eram entregues aos cuidados de preceptoras que lhes ensinavam boas maneiras e o papel de esposas.



Governanta e alunos, cerca 1880 (Fonte: Mary Evans Picture Library).

Aquelas crianças que estavam nos estratos inferiores da escala social se tornavam aprendizes de ofício e passavam a conviver com os mestres artesãos em suas casas. Outros, tornavam-se serviçais em casas ou plantações de pequenos agricultores. Este sistema informal de educação caracterizava-se pela liberdade das crianças para se misturar com os adultos, estimulando o exercício menos solitário das aptidões individuais e podia se adaptar a diferentes carreiras profissionais. A grande desvantagem deste sistema medieval de educação informal era o conservadorismo inerente: tudo se fazia no sentido de reproduzir a ordem reinante.

Perceba, então, que a sociedade da Europa Ocidental, no início dos tempos modernos, não trabalhou num vazio, ao ter que definir sua forma de encarar a criança. A realidade é que as transformações ocorridas entre os séculos XV e XVII operaram uma transformação radical na forma de se conceber a infância e, conseqüentemente, na maneira em que se processava a educação.

Não podemos esquecer que esse tempo, sendo um período de transição, vai comungar ainda de várias características do próprio pensamento cristão medieval. Ora, o cristianismo é ambíguo em sua concepção de infância. Apesar do testemunho favorável dos evangelhos, a concepção de homem que a religião da cruz sustenta é pessimista, uma vez que convive com a idéia do pecado original. Assim, segundo o pensamento cristão, a natureza humana é má, precisando ser restaurada. Isso determina uma postura em relação à infância bastante repressora.

CONCEPÇÃO MODERNA DE INFÂNCIA

Mas, afinal que fatores vão determinar o surgimento de uma nova concepção de infância? Bem, como vimos na aula anterior a própria revolução da prensa gráfica, a partir de meados do século XV, vai determinar a constituição de uma distância, afastamento, entre o mundo adulto e o universo da criança. Criou-se um novo universo simbólico, a chamada cultura das publicações, regido por um código que precisa ser aprendido para poder ser decifrado e, assim, o indivíduo poder desvendá-lo. A criança não podia mais naturalmente penetrar no mundo e no conhecimento adultos. Foi preciso inventar uma instituição que preparasse a criança para, por meio da alfabetização, decifrar o universo adulto.

No entanto, a contribuição definitiva para a mudança moderna na concepção de infância veio do campo religioso. Da parte do catolicismo, a partir da inclusão da criança numa perspectiva espiritual, exaltando a dimensão mística da criança e propagando a devoção ao menino Jesus, a partir de meados do século XVI. Por sua vez, a Reforma Protestante trouxe a idéia de disciplina e controle moral para com as crianças. Além disso, o crescimento do interesse pela educação vai completar uma mudança cultural que determinará uma alteração progressiva na concepção de infância.



Virgem com o Menino e São João Batista criança, 1490 / 1500 (Fonte: MASP).

LIVROS INFANTIS

Até o século XVIII, não existia uma literatura infantil propriamente dita, ou seja, livros produzidos para “dar prazer às crianças” por meio de sua leitura. Usavam-se livros apenas para ensinar as crianças ou para transmitir a religião. Desde cedo, lia-se a Bíblia ou a vida dos santos católicos. Assim, muitas crianças alfabetizadas descobriam-se lendo as brochuras de contos populares produzidas para os adultos.

A primeira iniciativa bem sucedida para produzir livros atrativos para as crianças costuma ser atribuída ao francês **Charles Perrault** (1628-1703), considerado o pai da literatura infantil. Em 1697, lançou uma coletânea de contos que imortalizou histórias tais como “A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Gato de Botas”, “Barba Azul”, “Cinderela e “O Pequeno Polegar”.

Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, no início do século XIX, deram continuidade ao trabalho de Perrault de colher histórias populares antigas e transformá-las em contos infantis. Em 1812 lançaram a obra “Contos de Fada para o lar e as crianças”, que alcançou 50 edições com os autores ainda vivos, chegando a reunir 181 contos para a leitura das crianças.

Outro grande autor de literatura infantil foi o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), que escreveu contos famosos como “O patinho feio”, “O soldadinho de chumbo”, “A roupa nova do Rei”, “A pequena sereia” e “João e Maria”.

Ver glossário no final da Aula

Mas, outros importantes fatores cooperaram de longa data para a transformação na concepção de infância. Mudanças no campo e o crescimento das cidades alteraram a estrutura familiar. Segundo Philippe Ariès, as mães e amas de crianças da classe média passaram a tratar as crianças como fonte de prazer devido à sua doçura e gracejos. Por outro lado também, um grupo de advogados, padres e moralistas reconheceram a inocência e fragilidade das crianças.

Em função destes dois grupos de pessoas, Ariès identifica “dois sentimentos da infância”. O primeiro, a paparicação, oriundo do meio familiar e o segundo, a exasperação, surgido entre os moralistas e educadores do século XVII, que não admitiam o mimo reservado às crianças e se voltavam a elas com um interesse psicológico e moral. Philippe Ariès reconhece que toda a educação se inspirou nesse segundo sentimento até o século XX. A criança deixou de ser vista como um “brinquedo encantador” e veio a ser percebida como um ser que precisava ser preservado e disciplinado.

Esta foi a função que assumiu a escola moderna: “um meio de isolar cada vez mais as crianças durante um período de formação tanto moral como intelectual, de adestrá-las graças a uma disciplina mais autoritária, e, desse modo, separá-las da sociedade dos adultos.” Ariès (1981, p. 165).

Efetivamente aliada a esta evolução na concepção de infância, aconteceu uma evolução da escola moderna. Uma primeira consequência foi que não se admitia mais a mistura das idades nas atividades escolares. Se antes se organizavam as classes escolares com base na capacidade dos indivíduos, independentemente de suas idades, com o passar do tempo o critério principal para a formação das classes passou a ser o da idade.

Estas novas idéias e práticas chegaram rapidamente à América portuguesa. Foi fácil importar para os trópicos a concepção moderna de infância. Ora, o modelo escolar moderno e a prensa gráfica não se prestavam a uma manipulação tão fácil. Mas, a mentalidade jesuítica absorveu com facilidade o “modelo ideológico da criança-Jesus”. A Companhia de Jesus, principal responsável pela transmissão da cultura na colônia, escolheu então o “curumim”, a criança nativa, como sujeito preferencial de suas ações.

Os índiozinhos eram vistos como inocentes, o papel em branco sobre o qual era possível escrever a mensagem do evangelho. “A infância é percebida como momento oportuno para a catequese porque é também momento de unção, iluminação e revelação. Mais além, é o momento visceral de renúncia da cultura autóctone das crianças indígenas, uma vez que certas práticas e valores ainda não se tinham sedimentado.” Priore (1996, p. 15). Assim, o objetivo principal era a aculturação do curumim, a substituição de sua identidade indígena por uma identidade de cristão.

Aconteceu uma verdadeira idealização dos “meninos”, filhos dos índios, nos primórdios da colonização. Os jesuítas identificavam a criança com o anjo católico. Para amenizar as reações ao alto índice de mortalidade infantil

entre os indígenas, a morte das crianças “era recebida quase com alegria”, sem horror. Daí subsistir ainda hoje a idéia de que morre uma criança, se faz o “enterro de anjo”, contrastando com a tristeza do enterro dos adultos. Freyre (2000, p. 201).

Gilberto Freyre ressaltou o importante papel histórico desempenhado na América portuguesa pelas crianças. Foi a partir “do menino” que o contato entre as duas culturas, a européia e a indígena, pôde se realizar com maior facilidade: “quer como veículo civilizador do missionário católico junto ao gentio, quer como o conduto por onde preciosa parte de cultura aborígine escorreu das tabas para as ‘missões’ e daí para a vida, em geral, da gente colonizadora. Para as próprias casas-grandes patriarcais.” Freyre (2000, p. 197).

OS PRIMEIROS MODELOS IDEOLÓGICOS SOBRE A CRIANÇA

Na Europa do século XVI, fabricaram-se os “primeiros modelos ideológicos sobre a criança”. “A Igreja Católica, nesse período, responsabilizava-se particularmente pela disseminação de duas imagens que embora desvinculadas da vida das crianças comuns da época, ajudaram a alterar a maneira com a qual os adultos as ‘pensavam’ e acompanhavam seus passos.

Difundiam-se então duas representações infantis: a da criança mística e a da criança que imita Jesus. Exaltando aquelas cuja fé as ajudava a suportar a dor e a agonia física, os pequenos místicos chamavam atenção para as qualidades individuais da criança. Constituiu-se, assim, o mito da criança-santa. Por outro lado, fabricava-se obstinadamente, na metade do século XVI, a devoção ao menino Jesus, (...)

As características humanas – o olhar, o perfume e os gestos – dessa criança divinizada, somadas a sua doçura, inocência e afabilidade, tocariam a todos que a cercassem. Assim fora na manjedoura: infieis e pagãos convertiam-se ante a dulcíssima visão do pequeno e luminoso Jesus.” Priore (1996, p. 11 e 12).

No século XVIII, a nova concepção de infância será justificada com base nas idéias de **John Locke** e Jean Jacques-Rousseau. O primeiro, com seus escritos, difundiu pela Europa a visão da criança como tábula rasa, contribuindo assim para minimizar os efeitos da idéia cristã do “pecado original” e valorizando a educação como capaz de moldar o indivíduo. Bem, você já viu na aula 2 a importância de Jean-Jacques Rousseau para a educação moderna. Ele foi o maior defensor da consideração da infância

Ver glossário no
final da Aula

como uma fase peculiar e quem justificou a necessidade de isolamento da criança do mundo adulto: o homem (a criança) é naturalmente bom, a sociedade é que o corrompe.

As palavras que Rousseau escreveu na novela pedagógica “Emílio ou Da Educação”, publicada em 1762, mostram sua defesa de uma nova compreensão da infância:

“Não se conhece a infância; no caminho das falsas idéias que se têm, quanto mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem.” Rousseau (1999, p. 4).



ATIVIDADES

A partir das duas imagens abaixo, faça uma redação, analisando a evolução da escola ao longo da Idade Moderna:



Cena a partir de uma escola holandesa por volta de 1610 (Fonte: Mary Evans Picture Library)



Garotas ensinadas por uma professora. Cerca de 1850 (Fonte: Mary Evans Picture Library)

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

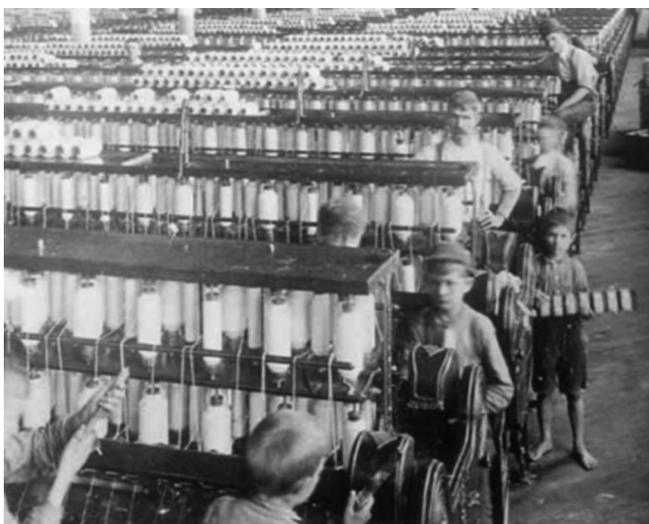
As duas imagens representam posturas em relação à infância em momentos históricos diferentes. Seu desafio é fazer uma leitura das imagens de modo a extrair características distintas da educação praticada em cada um dos períodos sugeridos, explicando o porquê das mudanças percebidas.

Veja que já lhe mostrei como os mais diversos fatores, desde uma inovação técnica, aspectos socioeconômicos, culturais e ideológicos trabalharam conjuntamente para o desenvolvimento da noção moderna de infância.

Mas, lembre-se que na mesma época em que Jean-Jacques Rousseau defendia de forma tão veemente uma compreensão renovada da infância e um tratamento especial às crianças, iniciou-se a Revolução Industrial. Veio, então, o problema da exploração das crianças pobres a partir do trabalho nas fábricas.

“Apesar das imagens horripilantes que ocupam os livros escolares, grande parte do trabalho feito por crianças no passado era casual e de poucas demandas. Elas se deslocavam gradualmente para a força de trabalho, desempenhando uma série de pequenas tarefas que iam se modificando segundo seu tamanho e experiência. (...)

A hostilidade para com o trabalho infantil é um fenômeno relativamente recente. Durante o período moderno, a maioria das famílias buscava trabalho para seus filhos como uma questão de rotina. Na verdade, as autoridades estavam mais preocupadas com os pecados da ‘indolência e do ócio’ entre os jovens do que com o trabalho em excesso. Foram o século XIX e o início do século XX que trouxeram transformações profundas no papel das crianças como trabalhadores. Na Europa, assim como na América, a legislação sobre o trabalho infantil e a educação compulsória garantiu que as crianças dependessem de seus pais e, até certo ponto, estivessem protegidas do mundo dos adultos”. Heywood, (2004, pp. 161 e 163).



Meninos trabalhando em fábrica de algodão, Carolina do Sul, 1900.
(Fonte: Mary Evans Picture Library).

Perceba que a infância, como uma fase de cuidados especiais com a criança, separada do mundo adulto, longe do trabalho e confiada às escolas, para as classes privilegiadas chegou primeiro.

Durante o século XIX, lutou-se contra o trabalho infantil, para que todas as crianças freqüentassem a escola e por uma legislação que protegesse as crianças da exploração dos adultos. Defendia-se a tese de que a criança era economicamente “sem valor”, mas emocionalmente “inestimável”.



Trabalho Infantil, 1867 (Fonte: Mary Evans Picture Library)

Obviamente, quando se iniciou o século XX, a luta dos reformadores sociais na Europa Ocidental tinha surtido efeito e, defendendo-se a tese de que os jovens corporificavam o futuro da sociedade, já se contabilizavam alguns avanços significativos na condição das crianças e adolescentes: diminuição das taxas de mortalidade infantil, aumento da altura média dos jovens, maior taxa de alfabetização e de frequência à escola.

Nessa época, o Estado moderno já havia assumido diversas funções sociais que influenciariam para melhor na vida das crianças e adolescentes: desde as políticas de saúde pública até a preocupação com um ambiente escolar sadio. A escola passou a substituir o trabalho como principal ocupação para as crianças, reforçando a necessidade de os Estados constituírem seus sistemas públicos de educação.

CONCLUSÃO

Os três grandes processos históricos que apresentei até agora para você, neste curso de História da Educação, vão repercutir na América portuguesa em épocas diferentes e de forma diversa do que ocorreu na Europa Ocidental. Assim, o modelo de escola moderna, que lhe foi apresentado na aula 2, foi introduzido no Brasil parcialmente pelos jesuítas. Por exemplo, eles admitiam a introdução de algumas técnicas educacionais específicas mas, não permitiram que a Ciência se tornasse a instância determinante dos conteúdos e métodos.

Os jesuítas também se deixaram influenciar pela nova concepção de infância que passou a predominar na Europa e para cá trouxeram idéias e práticas inspiradas nessa nova visão de homem. Porém, a prensa gráfica só chegou ao nosso território com a vinda da Família Real portuguesa, em 1808.

Assim, os temas e conceitos que você absorveu até agora tinham como objetivo instrumentalizá-lo(a) para compreender melhor o difícil e lento processo de formação cultural e educacional do povo brasileiro e perceber como, em alguns aspectos, nosso atraso em relação aos países colonizadores é secular.

Por outro lado, podemos dizer que com esta aula completamos um quadro amplo das características da escola moderna. No entanto, a educação escolar vai penetrar muito lentamente no Brasil, de tal forma que alguns dos aspectos centrais da educação moderna, como a própria organização das classes escolares, só serão implementados em nosso país muito tardiamente.



RESUMO

Nesta aula, você conheceu mais um importante processo histórico que se tornou elemento central da modernidade educacional: uma nova concepção de infância. Fiz um pequeno debate sobre a obra seminal de Philippe Ariès e mostrei como as concepções religiosas sobre a criança, a invenção da prensa gráfica, as mudanças econômico-sociais e político-culturais, no período que vai do século XVI ao XVIII, cooperaram conjuntamente para a consolidação desta concepção moderna de infância. A partir daí você viu como paralelamente a escola repercutiu estas transformações na maneira de tratar as crianças. Ora, a escola nunca deixou de reproduzir as diferenças sociais: Assim, a infância chegou mais cedo para as classes privilegiadas. A realidade do trabalho infantil sempre desafiou as classes pobres e exigiu uma tremenda luta dos reformadores sociais. Porém, o Estado Moderno, também acossado pelas novas idéias sobre a infância, iniciou várias políticas públicas que resultaram na melhoria das condições de vida das crianças no início do século XX.



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vou explicar para você como ocorriam os processos de transmissão cultural e formação educacional na América portuguesa.



AUTO-AVALIAÇÃO

Refleta assim: fiz uma leitura satisfatória do texto, a ponto de dizer que os objetivos propostos pelo professor-autor foram por mim alcançados? Pense também se houve, da sua parte, dedicação para cumprir a contento com as tarefas propostas. Em suma, responda em seu íntimo: sou capaz de relacionar as características peculiares da concepção moderna de infância? Sei apresentar os principais fatos históricos que contribuíram para a formação de uma nova concepção de infância durante os tempos modernos? Sei mostrar como a concepção moderna de infância influenciou na estruturação da escola moderna?

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro RJ: LTC, 1981.
- BACHA, M. S. C. N. Escola Moderna, purgatório das paixões. In: **Revista Percorso de Psicanálise**; p. 43-48. Disponível em: < <http://www.uol.com.br>>. Acesso em 01/01/1999.
- COSTA, Ricardo da. **A educação infantil na Idade Média**. Disponível em < <http://www.hottopos.com/videtur17/ricardo.htm>.> Acesso em: 16 Dez. 2008.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e senzala**. 39 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- Literatura Infantil**. Disponível em <<http://www.graudez.com.br/litinf/index.htm>> Acesso em 21 Dez. 2008.
- PRIORE, Mary Del. **História da criança no brasil**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, (Os Pensadores), 1983.

GLÓSSARIO

Philippe Ariès: Importante historiador e medie-valista da família e infância. Ariès escreveu vários livros sobre a vida diária comum.



Charles Perrault - Escritor e estadista francês, mais conhecido por seus “contos de fadas”, que incluem muitos clássicos como Cinderela e Chapeu-zinho Vermelho.



John Locke (1632 - 1704): É um filósofo inglês que é considerado o principal representante do empirismo britânico um dos principais teóricos do contrato social.